

OS JUDEUS NA AMÉRICA LATINA

A América Latina é um grande continente, muito variado em sua população, seu clima, seu panorama, suas riquezas minerais e naturais; cada país tem sua problemática; e com elas surgem certas linhas comuns entre os mesmos, como resultado de uma política que transcorreu durante mais de 400 anos, desde que os povos da Europa começaram a desfrutar das riquezas deste continente. A América Latina corresponde a 19% da superfície do globo terrestre, embora sua população não chegue a 6% do mesmo. Grandes cidades se erguem ao lado de primitivas aldeias, imensas fazendas são propriedades de poucos fazendeiros. Em quase todo continente ainda não se resolveu o problema agrário. No campo a miséria é muito grande e nas cidades é considerável a dependência do exterior.

No presente século, esta dependência se expressa em relação aos E.U.A. a burguesia que é obrigada a defender-se dos capitais estrangeiros não é capaz de converter-se em uma força anti-capitalista, devido às relações das suas classes internas. E no conglomerado dos interesses nacionais e sociais, entre o inquietante problema agrário e o desejo de conservar as atuais relações de propriedades. Entre a grande e tumultuosa cidade e a retrograda aldeia se estabelecem governos ditatoriais apoiados pelos E.U.A. Cresce cada vez mais o perigo do chauvinismo em lugar de uma luta verdadeira e nacionalista pela própria independência.

Uns 700.000 judeus vivem neste continente. Os judeus não eram mais do que um pequeno grupo, nos dias das grandes imigrações, em que foram absorvidos por estes países latinos e católicos. As comunidades judias somente se arraigaram durante as guerras mundiais, observando-se que a imigração para a América Latina começou no século 19.

Entre os anos de 1800-1900, vieram a estes países 3,5% dos imigrantes judeus que partiram de ultra-mar. Entre os anos de 1900-1914, o número subiu até 6,2% nos dias da primeira guerra mundial, era de 12,7%, no período de 1921 a 1925 chegou às 13,4%. Nos anos de 1926 e 1939, chegou o ponto culminante, alcançando o número de 41,9%, em relação ao número de imigrantes no seu total.

Os judeus se dispersaram em muitos países, mas a maioria se estabeleceu entre estes: na Argentina, onde existem 400.000 judeus e no Brasil, onde residem 120.000 judeus. O restante das comunidades são pequenas. Mais de dezenas de milhares se estabeleceram em três países: 40.000 no Uruguai, 45.000 no Chile, 12.000 em Cuba (neste país só restaram 3.000). A grande maioria deles saiu depois da revolução e se dirigiram para Miami, poucos foram para Israel. Todas as comunidades judias da América Latina chegaram a um nível de vida bastante comodo. Em sua maioria se dedicaram ao comércio ou profissões relacionadas a isto. Nas comunidades muito grandes existem um número mínimo de operários judeus, e a medida que a comunidade aumenta diminui o proletariado judeu.

Para entendermos o problema deste judaísmo tomemos, por exemplo, o da Argentina, onde se concentra o maior número de judeus da América Latina.

No início do século XX, encontravam-se na Argentina 30.000 judeus. No ano de 1920 o número se elevava para 106.000; em 1940 a cifra já era de 320 mil e hoje é mais de 400.000; com uma média de 7.340 imigrantes anuais. Na década de 30 decaiu para 2.940 e em 40 para 600. O número de judeus nativos superou muito o de imigrantes.

Leschtsinsky descreve a composição econômica dos judeus no ano de 1950 da seguinte forma: de cada 100 judeus, 55 se ocupavam do comércio, 30 da indústria manufaturada, 7 de profissões liberais, 1 de comunicações e 2 de entradas periódicas (para dados mais recentes procurar na revista Nova Tzion nº 6)

Em Buenos Aires se concentravam mais de 70% dos judeus da Argentina e sobre eles aí vão alguns detalhes:

Na tabela que temos ~~antes~~, podemos notar que o número de obreiros judeus em uma cidade como Buenos Aires, e que conta com uma população judia de mais de um quarto de milhão, somente 15.000 judeus são obreiros. Já assinalamos que nos tinham pequenos o número é ainda menor.

<u>OCUPAÇÃO</u>	<u>NÚMERO</u>	<u>PORCENTAGEM</u>
COMÉRCIO		
pequeno e ambulante	25.000	22,7%
médio e grande	10.000	9,1%
empregados do com.	20.000	18,2%
	<u>55.000</u>	<u>50,0%</u>
ARTESANATOS	15.000	13,7%
INDÚSTRIAS E MANUFATURAS		
PEQUENAS indústrias	5.000	4,5%
empresas med. e gran.	3.000	3,7%
obrigados	15.000	13,7%
empregados	5.000	4,5%
	<u>28.000</u>	<u>26,4%</u>
PROFISSÕES LIBERAIS	7.000	6,4%
TRANSPORTE	2.000	1,8%
renta	3.000	2,7%
TOTAL	<u>110.000</u>	<u>100,0%</u>

Para destacar a linha de desenvolvimento, convém anotar o material estatístico publicado pelo Nueva Tzion há alguns anos. Este material foi elaborado por elementos do HASHOMER HATZAIR, que passavam de casa em casa, reunindo dados e desta forma aprendendo do judaísmo argentino. Estas tabelas informam sobre a composição da segunda geração e a velha geração, em uma série de lugares e ocupações, sendo relevantes as diferenças de uma geração e outra.

<u>OCUPAÇÃO</u>	<u>MENDOZA</u> 1º-gr-2º-gr	<u>SAN JUAN</u> 1º-gr-2º-gr	<u>CORDOBA</u> 1º-gr-2º-gr	<u>SANTA FE</u> 1º-gr-2º-gr
INDÚSTRIAS e manufat.	23,2%-11,5%	2,1%-18,6%	5,3%-12,9%	10,6%-15,3%
comércio	21,1%-65,5%	27,6%-67,8%	25,6%-56,5%	22,5%-58,5%
empregados	12,2%-3,2%	10,7%-5,6%	14,6%-5,8%	16,1%-10,2%
prof. lib.	31,6%-15,6%	35,0%-7,2%	28,8%-15,0%	27,6%-11,0%
obrigados	----	----	1,2%-0,8%	0,7%-2,0%
trab. ger.	1,9%-4,0%	2,9%-1,4%	1,9%-6,6%	0,7%-3,0%
estudantes	30,0%-----	22,5%----	22,6%----	22,5%----

Não há dúvida de que se a segunda geração tomar sobre si todas as responsabilidades dos negócios dos pais, farão surgir novas mudanças nesta tabela e na situação em geral. O processo de desproletarização também não excluiu os agricultores judeus.

Na Argentina se encontrou um número de 5% de agricultores judeus. Esta porcentagem é relativamente alta em relação ao demais países da América Latina, e é em consequência da empresa colonizadora ICA da Argentina. Na empresa foram invertidos muitos capitais, muitos esforços, e muita gente com disposição pioneira. Alguns territorialistas pensavam resolver assim o problema da diáspora. Mas aos poucos os grandes esperanças foram se dissipando. O que se pode aprender deste processo? O número de colonos chegou em 1932 a 3.483, e baixou em 1951 para 2.251. O número de almas nesta época baixou de 17.781 para 9.313 nas famílias.

Junto aos colonos encontramos artesãos e comerciantes. Estes com as suas as suas famílias contava em 1932, 9.71 almas e em 1951, baixou para 7.290.

A razão deste abandono não devido à redução dos lotes de terras, ~~mas~~ pelo contrário, pois neste período que houve aumento de terras em 1910 hectares, chegando as terras a 17.568 hectares de terras. Esta é a fisionomia deste ishuv. Suas ocupações se relacionam à classe, ~~as ocupações~~ média, a pequena e a média burguesia muito pouco transcendendo este marco e chegam ao grande ~~indivíduo~~ capital, industrial e comercial.

Sómente uns poucos transcendem para o proletariado. É bem sabido que o ishuv judeu na Argentina e dos países vizinhos gozam de uma vida tranquila e comoda, chegando à fartura desde o início das diásporas, o que é que aprendemos da experiência nos países em que teve o povo judeu esta fartura?

O capitalismo em questão abriu caminho para a prosperidade econômica para a classe diáspórica dos judeus. O sistema de pagamento a prestações, o crediário aumentou o mercado e número de compradores. Não existiu a desafiada competição entre comerciantes entre comerciantes judeus e não-judeus. O país estava interessado em desenvolver o mercado e a indústria durante os anos de guerra. Isto também estava de acordo com as tendências de desenvolvimento dos países judeus. Não existiu uma tradição industrial na Argentina, e Villalino, um subúrbio de Buenos Aires se destacaram de Bialostok e Lodz, e estes desfrutaram da prosperidade como é comum das fortunas judaicas da diáspora. Surgiu uma comunidade judaica típica, com uma diferença de classes muito pequena como existia na Europa Oriental e entre as duas guerras mundiais. Existe na Argentina um movimento anti-semita, crescente conforme as circunstâncias.

Enquanto as dificuldades do regime não conduzam este movimento a se utilizar do recurso "bode expiatório" nacionalista, existem perspectivas de que o movimento anti-semita fique de lado. Mas no momento em que negitarem, estão prontos para a ação, como podemos comprovar no século. Vemos que se fazem e notam em épocas de crise econômica. Enquanto se prepara esperando sua hora o movimento fascista. E do outro lado, a composição social e econômica do judaísmo não pressagia nada de bom. Por debaixo do pano, atuam forças comuns à todas as diásporas.

Como em todos os lugares, também aqui acompanha a prosperidade econômica o sentimento de uma relativa segurança pessoal. Processos de crescente assimilação, em geral logo após haver se rompido a imigração e certos os vínculos diretos com outras diásporas judaicas. A geração jovem ocupa o lugar da geração de imigrantes, e sua língua é a língua do país. Mesmo assim, não devemos comparar com E.U.A. a realidade da América Latina. A Argentina absorveu milhões, mas no decurso dos 80 anos da grande imigração que foi de 1857-1937, que eram italianos, menos 43,5% a totalidade dos imigrantes; espanhóis 33%.

A cultura latina e o espírito católico constitui uma barreira para o processo assimilatório dos judeus, especialmente quando se fala de uma nova imigração, estabelecida no período entre as duas guerras mundiais e que conservou alguns valores trazidos da Europa Oriental. Mas mesmo assim não devemos conflar muito nisto, como qualquer outro país capitalista, a assimilação não é mais do que uma utopia carente de sentido especial no seio de uma nova geração.

Enquanto estejam abertas as portas para o ensino superior nos institutos, enquanto tenham a seu dispor a acomodada casa paterna, enquanto se apresenta a possibilidade de subir na escala social, de acordo com as idéias vigentes, não poderão os jovens deixar de se assimilar e aderir à língua e à cultura local.

A influência católica que cresceu com as mudanças que tiveram lugar, certamente não de se encontrar a linha de isolamento espiritual com a respectiva juventude judia.

A realidade dos ishuvim dos países vizinhos não difere muito da Argentina. Assim, por exemplo nas estatísticas que se publicaram após a segunda guerra mundial, encontramos os seguintes detalhes nas comunidades judias da América Latina:

(cont pg 20)

3-A SOLUÇÃO de BOROCHOV

Já vimos em página anterior que Borochoy apresenta a essência da problemática judaica no fato de que os judeus não se concentram na sua última etapa de produção e não podem devido a isto influir diretamente no curso da história. Eles vivem como à parte da história. Com efeito, isto é comprovado pelo quadro abaixo, que localiza os judeus na Rússia czarista, nos diversos estágios de produção:

PRODUÇÃO AGRÍCOLA - 0,6%

PRODUÇÃO INDUSTRIAL BÁSICA - 1,8%
(minas, economia florestal)

2º ESTÁGIO DE PRODUÇÃO - 19,7%
(metalurgia, tecelagem, construção)

3º ESTÁGIO DE PRODUÇÃO - 31,3%
(madeiras, couro, papel)

ÚLTIMOS ESTÁGIOS DE PRODUÇÃO - 45%
(confeições, imprensa, relojoaria)

Além de não podermos atuar de modo ativo na história, os judeus estão constantemente ameaçados em sua fraca posição econômica, por um processo que proletarianizou grande número de judeus norte-americanos. No que consiste esse processo?

Karl Marx divide o capital moderno em duas categorias:

1-O capital ~~permanente~~ constante, que se compõe dos meios de produção, (materiais e semelhantes, objetos de produção, solo, estabelecimentos fabris, meios de transporte, matérias-primas, combustível, máquinas e instrumentos, etc...)

2-O capital variável, que consiste na força de trabalho humano. Também o capital invertido se constitui destas partes: a parte material e a parte paga a elemento humano. Isto não significa que a parte material, constante, independa do homem; ao contrário, é, como todas as coisas, feitas pelo homem; mas o capital constante é criado pelas indústrias de base, pelos primeiros estágios de produção, que não incluem judeus. Com isto, o trabalho judeu invertido na produção de capital variável, fica exposto à concorrência dos trabalhadores não-judeus.

Além disto, é preciso assinalar que, as duas partes do capital crescem incessantemente. Mas o capital constante cresce mais do que o variável. A máquina cada vez mais vai substituindo o trabalho humano. Isto significa que o capital constante cessa às expensas do capital variável. Com isto os trabalhadores são desalojados pelas máquinas, com eles os judeus especializados, e assim se afastam cada vez mais da produtivização, dirigindo-se para as atividades espirituais (prof. 12b.). Mas com o desenvolvimento da cultura, cresce a atividade espiritual também entre outras nações, que nunca alcançaram os judeus, em proporção. A concorrência nacional que se agudiza nos períodos de crise, revelar-se-á também nos países emigrentórios, e nessas situações, todos os argumentos são válidos (os antigos odios raciais, os judeus negaram Cristo, os judeus são comunistas intelectuais, e assim por diante ...). Tivemos que recorrer à emigração para países mais atrasados e semi-agrícolas (América do Sul, Austrália) e essas ~~primeiras~~ dispersões significam uma agudização maior ainda na problemática judaica.

Se há teóricos que falaram que falaram sobre "a necessidade de orientar a emigração judia, em forma constante e sistemática, para um só país, para um território especial"? Borochoy não se contentou só com isto. Para ele o sionismo continuara sendo uma utopia e não passará de necessidade, e um imperativo histórico, se não se criarem forças capazes de transformar estas necessidades em um instante social poderoso que lutara para concretizar-se em realidade. Estas forças serão imigrações cada vez mais difíceis até tornarem-se impossíveis. Se então Eretz Israel poderá competir com os centros da diáspora. Depois dos E.U.A., os demais países da imigração cerraram suas portas à imigração judia e a Conferência de Evans, convocada pouco antes de estourar a segunda guerra mundial, afim de encontrar a solução para o problema dos refugiados, dissolveu-se sem maiores dificuldades. E sem resultados!

Impulsionado por este desenvolvimento trágico da realidade judia, ~~em~~ o sionismo se converteu num "instituto social poderoso" que luta para realizar-se na prática. Chegou a hora da HAPALÁ (Imigração ilegal a ERETZ ISRAEL) e da aliá iminente. A aliá judia a Eretz alcançou entre os anos de 1940 e 1950 a 50% do total da imigração judia pelo mundo, apesar das restrições políticas e dos distúrbios do país.

Borochov, em sua teória, diz a uma certa posição que "o processo imanente". Com interpretar tal termo? Houve quem dissesse que o processo imanente é um processo social que se movimenta por si mesmo independente da vontade e da consciência humana. Seria dizer, o sionismo e a normalização do povo vem de qualquer forma, pelo que não se pode preocupar. Outros interpretam de outra forma: que o ativismo sionista tem que estar baseado no conhecimento da realidade judia, e das forças históricas objetivas latentes nela, e não do utopismo da diplomacia sionista. Segundo Borochov, "para evitar a descentralização imigratória, são necessárias forças unificadoras capazes de introduzir o elemento de planificação dentro dos processos imanentes da dinâmica judaica".

O pecado do Utonismo consiste sempre em sua tendência a ocupar o lugar de processo imanente. O fatalismo crê que é impossível a intervenção da vontade do consciente nos processos imanentes.

Se resumirmos agora, tudo o que já foi exposto, teremos o seguinte quadro sinótico, que Borochov nos mostra como ele interpreta a miséria no Galut:

- 1-A miséria no Galut é a consciência da composição anormal do povo judeu. Os judeus, sendo um povo extra-territorial, não podem participar na economia de base; concentrados nas cidades, exercem somente profissões intermediárias estando agrupados no último estágio da produção industrial.
- 2-A imagem da "pirâmide invertida" explica fielmente a conclusão tirada por Borochov, estatística dos ofícios exercidos pelos judeus. Um exemplo desta constituição é dado pelo judaísmo da época de Borochov, (começo da peulá). Em resumo, o povo judeu abandonou a natureza para concentrar-se nos estados extremos da economia.
- 3-A medida em que se desenvolveu as forças de produção, a indústria que fabrica os bens de consumo. A indústria judia, sendo parte essencial desta última categoria, destrói a posição dos judeus, ao diminuir a importância de seu capital.
- 4-Extra-territorial, economicamente normal, o povo judeu frente à concorrência dos elementos locais, com apoio estatal, entre os quais se infiltra venenosamente o anti-semitismo, jamais sai vencedor.
- 5-A inevitável tendência dos judeus para a proletarianização, provocada pela polarização das classes, enfrenta imensos obstáculos:
 - a) estão longe de serem os únicos à procura de trabalho (desemprego integrado para as cidades)
 - b) os obreiros não-judeus aceitam um nível de vida menos elevado e tem, por sua vida anterior maior capacidade de trabalho. São por isso preferidos aos operários judeus.
 - c) o nível de vida cultural dos operários judeus é alto, devido à sua origem burguesa; assim, converteu-se logo em revolucionários e sindicalistas tornando-se alvo do ódio da burguesia.

Isto significa que somente a concentração territorial poderá resolver o problema judaico. Até aqui os territorialistas (1º plenário) estão de acordo com Borochov, trata-se agora apenas de achar qualquer região deserta para enchê-la de judeus ou tem de ser alguma região particular? E se é assim, porque ERETZ ISRAEL?

~~Assim~~ Assim escreve Borochov:

Israel por ter uma economia pequena em importância e muito primitiva ~~muito~~ pode chegar a ser um centro de turismo. A cultura deste país será muito elevada para contentar os turistas, e um país tal não corre riscos de se tornar nacionalista.

Os elementos locais (árabes) assimilaram-se economicamente e culturalmente aos colonizadores e judeus que se encarregarão das forças de produção. Os judeus conseguirão a autorização do Sultão, mobilizando a pressão das forças democráticas. Atrás do pequeno capital, virá o operário judeu e começará a produção industrial básica. Explorando o operário judeu e o árabe assimilado, o grande capital judeu, ligado ao árabe vizinho, desenvolver-se-á. Ainda com muitas crises, a imigração a Eretz seguirá normalmente e espontaneamente, pelo fato de subsistir as suas causas no galut.

Eretz NAO é um princípio, ou seja, a aspiração sentimental de um povo sem país. É, antes de mais nada, uma prognose, ou seja, uma necessidade histórica nascida em consequência dos processos espontâneos da realidade judia. A verdade é que, mesmo repudiando os territorialistas, BOROCHOV baseia toda a sua argumentação de "porque Eretz Israel" em argumentos exclusivamente economico-materia-
listas, como se ~~desse~~ as demais tentativas, como Uganda, faziam-se sem levar em conta tais fatores. Para ele, a ligação sentimental com Eretz Israel não tem absolutamente nenhum valor.

E se agora, depois de 60 anos de BOROCHOV, olharmos retrospectivamente e perguntarmos se a concentração territorial em Israel resolveu, ou melhor, normalizou a porcentagem do povo, quais são as conclusões?

Apesar do repetido conceito de povo-classe, aplicada aos judeus, BOROCHOV também divide o povo judeu em classes, onde cada qual tem seu interesse específico na solução do problema nacional, já que para cada classe varia o conceito de nação.

Assim, BOROCHOV, como os mestres Marxistas que o precederam define as várias "nacionalistas":

a) para os grandes proprietários que desejam a conquista do domínio feudal de outros territórios, para o aumento de suas rendas o nacionalismo serve para enganar as massas.

b) Para a grande burguesia, o patrimônio nacional, é a base ideal para a expansão financeira internacional. Sua concepção de nação é militarista e agressiva.

c) A média burguesia considera a nação como mercado de consumo, cujos ~~limites~~ limites se confundem com a língua. Daí provem a sua atitude hostil e intolerante a toda a minoria nacional, que constitui um concorrente potencial. Aliados dos grandes proprietários, em suas empresas de conquista, eles impõem sua cultura nacional, que constitui um concorrente potencial.

d) A pequena burguesia, de situação muito instável devido à concorrência, é muito nacionalista; teme o menor abalo social que possa desclassificá-la e empurrá-la às filas do proletariado. Tremendo ante este simples pensamento a pequena burguesia vai atirar-se aos braços da burguesia financeira e latifundiária sob lemas nacionalistas muito agressivos.

e) Para o proletariado o território constitui o lugar da base da luta de classes (base estratégica). Os operários porém, frequentemente concorrem aos lugares de trabalho. POR exemplo: a aprovação dos trabalhadores de cor, agudiza-se quando o desemprego aumenta, quando o mercado de trabalho restringe-se (lugares de trabalho) o proletariado emigra; daí então, sob as medidas defensivas dos operários do país ao que ele quer ir: restrição de imigração, etc...
E entre os judeus????

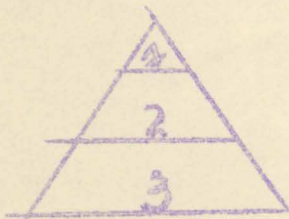
Nos povos oprimidos a consciência nacional é particularmente viva, porque suas forças de produção são impedidas de desenvolver-se. O sentimento nacional tende a tomar o primeiro plano sobre as contradições de classe. Enquanto o povo não obtiver a sua libertação nacional será enfraquecida (teoria das etapas de MEIR IARI) pela falta de condições de produção normal. Contudo, segundo BOROCHOV, somente o proletariado judeu nada tem a perder, e forçara a imigração para ERETZ ISRAEL. Veremos que também aqui BOROCHOV foi desmentido pela história, por ter aprovado que a proletarianização da pequena burguesia arruinada é um fenômeno particularmente intenso entre os judeus, que são vítimas da concorrência nacional anti-semita. Esta classe, é que foi a mola propulsora do sionismo socialista.

A PIRÂMIDE DE BOROCHOV

1-burguesia industrial e financeira; 2-comerciantes e profissionais;

3-camponeses e operários.

estrutura de
um povo normal



estrutura do
povo judeu



5-O JUDAÍSMO NA U.R.S.S.
(durante a revolução socialista)

A revolução de fevereiro (lei de 2 de abril de 1917), anulou todas leis e decretos que descriminavam os judeus, e o judaísmo conseguiu formalmente a igualdade de direitos. Entre os judeus começou o receio de que com o desenvolvimento da Revolução (pela qual lutavam os Bolcheviques e os socialistas-democratas), poderia haver um aumento da reação e anulação da emancipação judaica.

Um fator importante que definiu bem a posição dos judeus com relação à revolução pode ser explicado pela estrutura econômica do povo judeu: os trabalhadores revolucionários, que prometeram aos camponeses as terras dos latifundiários e aos operários, primeiramente a supervisão das empresas, e posteriormente a nacionalização das indústrias, não podiam encontrar eco favorável entre os judeus cuja porcentagem entre os camponeses era mínima, e entre os operários trabalhavam em pequenas oficinas e manufaturas. Na parte dos Bolchevistas haviam poucos judeus, porém sua participação na direção do partido era marcante, em geral afastados do judaísmo e que se definiam com Russos ou "Internacionalistas" membros do proletariado mundial. Na reunião da Comissão Central do partido Bolchevista, que resolveu tomar o poder, metade dos presentes era judeu.

Os Bolchevistas profetizaram a união de todos os povos numa comunidade internacional única, porém não por métodos forçados, comuns aos países capitalistas que impõem a cultura da maioria à minoria. O partido comunista afirmava tal união viria somente após a libertação dos povos e do florescimento cultural de todos eles. Portanto, deve-se ajudar de todas as formas possíveis, o desenvolvimento cultural das nações e assim sendo, uma semana após a tomada do poder, publicariam uma declaração sobre o direito de povos, e o da Rússia de igualdade e auto-determinação. A situação específica dos judeus, fugia aos marcos da percepção coletiva dos Bolchevistas, e da percepção teórica. Stalin definiu a nação como um coletivo de pessoas, dona de um território comum, economia e caráter comuns. E todo grupo, a que falta um dos elementos básicos, não é uma nação. Portanto, os judeus dispersos pelo mundo, falando diversas línguas, não é uma ~~nação~~ nação. Porém a realidade interna da União Soviética negou tal teoria, e assim tomou o proletariado ~~judeu~~-soviético com respeito aos judeus possíveis paradoxais:

1) ajuda aos judeus da Rússia para que se tornasse um povo normal (concentração na Crimeia e na Bessarábia)

2) negação da existência normal e política com respeito à assimilação forçada.

Esta teoria exterminou a revolução negativa dos comunistas com respeito ao sionismo, que se propunha a concentrar as massas judaicas em torno da ideia da volta a Tzion, desviava a atenção e da inteligência da luta de ~~classes~~ classes dos países em que os judeus estavam. O tom anti-sionista aumentou com as constantes do Bund (que se incorporaram as massas do partido comunista após a revolução), dos "levsekim" (anti-sionistas extremados). Antes mesmo da revolução de fevereiro, encontrava-se a frente russa em confusão. Batalhões inteiros desertaram, desertavam, juntavam-se em bando e junto com os milhares de camponeses ucranianos, chacinados os judeus. Os primeiros ataques realizavam-se na Zona de Residência no Luráin em outubro-dezembro de 1917. Os partidos judaicos organizavam grupos de auto-defesa que se preparavam para defendê-los. Quando os ucranianos se declaram independentes, e se separaram da Rússia, os judeus foram acusados de aprovarem os Bolchevistas, e depois mais tarde aprovarem os alemães (que conquistaram a Ucrânia) e novamente aumentaram os "pogroms". Em 1918 os alemães abandonam a Ucrânia e surgiu novo governo, declarando Simion Petlura e que luta contra os Bolcheviques. Nas aldeias conquistadas pelos bandos de Petlura, realizam sangrentos "pogroms". Nos milhares de ataques entre os anos de 1917 a 1921, realizados pelos bandos de Petlura, grupos "brancos" (que lutavam contra os Bolcheviques) e pelos camponeses foram assassinados de 75.000 a 100.000 judeus, milhares foram feridos e 500 comunidades foram destruídas. Milhares de judeus fugiram atravessando as fronteiras.

O sexto Comissariado Popular, em 27 de julho de 1918, condenou diretamente o anti-semitismo, avisando que os assassinos e responsáveis pelos "pogroms" seriam julgados. Assim o exército vermelho conseguiu salvar muitos judeus das mãos dos assassinos. E isto modificou para melhor a relação da população judaica com o partido-mesmo os burgueses-para com o governo soviético. O sentimento de inimizade ou indiferença cedeu seu lugar a uma profunda admiração ou respeito pelo governo que lutava contra o antisemitismo.

Em janeiro de 1918, foi criado o Commissariado dos Assuntos Judaicos e a seu lado, a "IEVSEKIZIA" - "DEPARTAMENTO JUDAICO DO PARTIDO COMUNISTA". Os dois órgãos viam-se como os portadores da ditadura do proletariado no seio do judaísmo. Sua ideia básica era a aniquilação dos partidos judeus, mesmo os operários. Até 1922 juntaram-se todos os membros do "Bund" e do "Poalei Tzion" aos Bolchevistas. Continuou existindo apenas o partido Obreiro Judaico Comunista Poalei Tzion. Em abril de 1919 foram federadas as comunidades, federaram-se as instituições culturais e de ajuda social e começou a perseguição aos sionistas, tudo isto por iniciativa dos comunistas judeus, que também exigiram e conseguiram a proibição do ensino ivrit nas escolas. O "idish" foi considerada língua-mãe dos operários judeus. A guerra foi declarada à religião judaica (como às demais religiões).

Com a conquista do poder, viu-se o governo soviético frente ao grave problema judaico. Na Rússia pré-revolucionária (1897) a porcentagem de camponeses era de 2,2%; operários nas indústrias e nas construções apenas de 4% e comerciantes e artesãos de 50%. A 1ª guerra mundial, a guerra civil, os pogroms na Ucrânia, a nacionalização, a destruição da economia nacional, destruíram totalmente a posição dos judeus e rompendo com a sua fonte de sustento. Se bem que toda a discriminação fora proibida, porém a constituição revolucionária que era toda ela contra a classe dominante, entrou em contradição perante o problema dos judeus.

Na época de fevereiro a abril 1919 - 1921 - sofreram todas as camadas da população, porém em especial os judeus. A desapropriação das mercadorias dos comerciantes, a suspensão do fornecimento de matéria-prima aos artesãos, o aumento dos desempregados e a desprofissionalização, as concentrações judias perto da frente, os pogroms que os exércitos contra-revolucionários fizeram contra os judeus; tudo isto aumentou a destruição da classe.

Na época do NEP (Nova Política Económica), iniciado em março de 1921, foram permitidos o comércio e a indústria particulares e com isto minorou-se a desgraça dos judeus. Porém, após curto período foram taxados contra os comerciantes pesados impostos ou taxas. Em 1925 foi proibido o comércio atacado e logo após o pequeno comércio varejista. Especialmente é difícil a situação nas pequenas cidades: diminuiu o número de artesãos e operários e aumentou o número de vendedores aos quais o comércio cooperativista governamental fazia fortíssima concorrência. O problema judeu em sua essência, como nunca desenvolvia-se em toda a sua grandiosidade justamente quando esforços eram feitos para a mudança do regime.

O Partido Comunista deu ordens para que fosse facilitada a colonização judaica, e em 1924 foi distribuída para os judeus terras na Bielorrússia e Ucrânia. Nos esforços de mudanças agrárias para os judeus, participaram também organizações judaicas do exterior e até 1929 foram feitos 26 milhões de Rublos (dos quais 16 milhões dados pelo judaísmo mundial), e realmente cresceu o número de judeus agricultores:

1913-53.000-que cultivavam 1200 km²

1928-220.000-que cultivavam 6.420 km².

A maioria dos agricultores situava-se na Ucrânia.

Dentre os projetos colonizadores destacava-se o da península da Crimeia, ao qual se juntou a ideia de ocupação de uma república judia auto-suficiente. Foram colocados ao ~~dispor~~ dipor de tal ideia 647,5 km² em 1926 e pouco depois, 2.420 km² em 1929. Neste ano o número de famílias que se estabeleceram na Crimeia chegou a 3.100. As primeiras colônias foram fundadas pelo HECHALUTZ (Mishmar, Kadima, Tel-Chai, Cherut Avodá, Hatikvá). Em 1928-1929 foram expulsos de suas terras e estas entregues a não-judeus. Os demais colonos continuaram a sofrer não do apoio governamental sobre tal projeto colonizador não se falava em termos nacionais e justamente Michail Kolinin, presidente U.R.S.S., deu-lhe caráter de salva-guarda da nacionalidade judia, através da concentração dos judeus numa só região. Os comunistas judeus discordaram de Kolinin, para que não fossem taxados de nacionalistas.

Em 1928, foi proposta a concentração dos judeus no Extremo Oriente (Birobidjan). Em maio de 1934 foi declarada a região autônoma judia e em 1936, o governo soviético declarou que pela primeira vez na história os judeus tiveram a oportunidade de ter sua própria ~~sua~~ patria (também para os judeus do mundo). O projeto não se concretizou, os judeus eram uma minoria no local, não tendo a menor influência sobre o judaísmo soviético.

Um segundo caminho para a produtivização dos judeus foi o entrosamento destes na indústria.

~~Os judeus foram também empregados em grandes obras de construção.~~